

A Mulher no século XX na visão de Lipovetsky¹

Juliana Aline Fungaro Ribeiro²
Tarcyanie Cajueiro Santos³

RESUMO: Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado, em andamento, “A Representação da Mulher Executiva na Revista Exame” e apresenta a temática da mulher no século XX. Diante desse contexto, o objetivo é entender como Lipovetsky trabalha a relação da mulher contemporânea, através do seu livro, “A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino”. A partir daí, refletimos sobre a inclusão das mulheres na sociedade, não só como mãe e esposa, mas como profissional, cuidados com a beleza e poder, ressaltando que a desigualdade de gênero ainda é real nos altos postos executivos.

Palavras-chave: Mulher. Beleza. Poder.

1 Introdução

Este artigo faz parte da dissertação de mestrado “A Representação da Mulher Executiva na Revista Exame”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Tem como objetivo compreender como Lipovetsky trabalha a relação da mulher contemporânea, através do seu livro, “A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino”, sendo os objetivos específicos e as seções que estão divididas neste artigo como: as três fases da mulher no mundo ocidental; mudanças da condição feminina e a relação da beleza e o poder. Este artigo trabalhou os capítulos II e III do livro. Na primeira seção serão abordadas as três fases da mulher no mundo ocidental, sendo a primeira mulher depreciada pela sociedade; a segunda mulher enaltecida, no período da segunda metade da Idade Média; a terceira mulher indeterminada deixa de ser independente do homem. Na segunda seção será abordado as mudanças da condição feminina, sobre a instalação de uma nova figura social do feminino nas sociedades ocidentais contemporâneas, instituindo uma ruptura muito importante na “história das mulheres” e exprimindo um último avanço democrático

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho GT5 - Mídias Contemporâneas e práticas socioculturais do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2022.

² Mestranda em Comunicação e Cultura (Uniso), julianavcp@hotmail.com ou juliana.fungaro@gmail.com.

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, tarcyanie.santos@prof.uniso.br.

aplicado à condição social e do feminino. Na terceira seção será abordado a relação da beleza e poder, descrevendo sua ligação.

No fim do século XIX e começo do século XX, na Europa, foi palco das primeiras lutas pela emancipação e liberação das mulheres. Na Inglaterra, as mulheres se organizaram para lutar por seus direitos, principalmente direito ao voto, conhecidas como primeira onda do feminismo, as sufragistas. São várias histórias de lutas e em diversos lugares ao longo do século XX até os dias atuais. Opressões de gêneros, classes e raça dentre outras.

A relevância do artigo é a discussão sobre o modo como as mulheres se inserem nas sociedades, de modo amplo, a partir da perspectiva de Lipovetsky.

2 As três fases da mulher no mundo ocidental

Lipovetsky (2000) ao analisar a mulher pelo processo histórico ocidental destaca as três fases da mulher: a primeira mulher, a segunda mulher e a terceira mulher. Para ele há uma ruptura histórica na maneira pelo qual é construída a identidade feminina, que os outros não definam o seu lugar, bem como as relações entre os sexos nos papéis sociais, sempre a mulher esteve marcada como diferente e inferior ao homem.

A primeira mulher, cronologicamente anterior ao Iluminismo, prevaleceu durante grande parte da história da humanidade. De acordo com Lipovetsky (2000) esta se refere a uma concepção depreciada da mulher, por conta da valorização do masculino frente ao feminino; assim, os discursos evocavam a inferioridade da mulher em relação ao homem.

Todas as atividades importantes são desenvolvidas pelos homens. Tudo que é positivo se o crédito vai para o homem e o negativo para a mulher. A inferiorização ao feminino, a mulher é associada às potências do mal e do caos, aos atos de magia e de feitiçaria, forças que desrespeitam a ordem social.

Um princípio universal organiza, desde os tempos mais remotos, as coletividades humanas: a divisão social dos papéis atribuídos ao homem e à mulher. Se o conteúdo dessa distribuição de funções varia de uma sociedade a outra, o princípio da divisão segundo o sexo é invariável: as posições e as atividades de um sexo sempre se distinguem das do outro. Princípio de diferenciação que é acompanhado de um outro princípio, igualmente universal: a dominação social do masculino sobre o feminino. Desde eras remotas, a “valência diferencial dos

sexos” constrói a hierarquia dos sexos dotando o masculino de um valor superior ao do feminino (LIPOVETSKY, 2000, p.232).

As atividades nobres da guerra e da política estão em poder dos homens. Apenas as atividades atribuídas aos homens são fonte de glória e renome. Um fato parece escapar a esta lógica de subvalorização e depreciação: a maternidade. Afinal, é impossível descuidar uma verdade objetiva: este ser tem a capacidade de gerar vida, inclusivamente do sexo masculino. Ainda assim, como o autor refere, na Grécia Antiga, mesmo durante a gestação, a mulher continua a ser vista como mera depositária de uma semente que o homem criou e deixou dentro dela.

Assim é a primeira mulher, um mal necessário, confinado nas atividades sem luminosidade, sistematicamente empobrecido, má, perigosa, diabólica, e mexeriqueira, dada às conversas fúteis e sem interesse, preocupada com a vida alheia e com os boatos, o disse-que-disse, o maldizer. Mas não se pense que as mulheres nunca se reconheceram valor ao longo de toda a história. Não é isso. Mesmo na Antiga Roma onde o poder destas, ainda que na sombra, foi imenso, a verdade é que lhes coube sempre, em última análise uma posição inferior, atividades menores, sem brilho, sem valor, “não merecendo figurar nos grandes relatos históricos. A mulher é distanciada dos círculos públicos, sendo “apresentada como um ser enganador e silencioso, inconstante e ignorante, invejoso e perigoso” (LIPOVETSKY, 2000, p. 234). Um fato interessante, por mais que tivessem desprezo pelas mulheres, elas eram temidas, como detentoras de poderes selvagens e místicos, que os homens não entendiam e alimentavam medos.

Na segunda mulher, ou a mulher enaltecida, no período da segunda metade da Idade Média, surge uma nova lógica: a sublimação da mulher por parte dos homens. Vista como uma criatura pura e inspiradora. O culto da Bela Amada, a quintessência da beleza. Os “elogios” à mulher, à sensibilidade, à beleza, ao feminino multiplicam-se a mulher. No século XIX sacraliza-se a esposa-mãe-educadora. As mulheres passam a ser reconhecidas como mães, amantes, louvadas e adoradas, mas ainda controladas pelos homens, sem poder financeiro, ou intelectual, vontade própria ou liberdade. A segunda mulher é “limitada” nas suas vontades e aspirações. O poder do feminino permanece confinado apenas aos campos imaginários dos discursos e da vida doméstica. Percebe-se nessas duas formas de representação da mulher que “tanto a primeira como a segunda

mulher estavam subordinadas ao homem” (LIPOVETSKY, 2000, p. 236). Obediência ao marido e as decisões importantes se mantem nas mãos dos homens.

A terceira mulher deixa de estar dependente do homem, marca uma ruptura histórica. Ela é conhecida como mulher sujeito, com poder de decisão. Entretanto, não coincide com o desaparecimento das desigualdades entre os sexos. Nesse sentido, Lipovetsky (2000) diz que tudo na vivência feminina tornou-se escolha, objeto de interrogação e arbitragem, nenhuma atividade está, em princípio, fechada às mulheres, nada mais fixa, imperativamente, seu lugar na ordem social. Ela não é mais uma criação segundo a percepção do ideal masculino, é sim uma “autocriação feminina” (LIPOVETSKY, 2000, p.237).

O acesso das mulheres a todos os campos da vida, pública e privada, individual e social, a liberdade sexual, maternidade, direito de voto, lugar para as escolhas, oportunidades, liberdade de se autodirigir, a legitimidade dos estudos, deu origem à terceira, indeterminada, como Lipovetsky lhe chama. E por que indeterminada, indefinida? Porque hoje, homens e mulheres sofrem dos mesmos anseios angústias: resultante do fato de serem responsáveis pelas suas próprias vidas.

Nossa época iniciou uma transformação sem precedente no modo de socialização e de individualização do feminino, uma generalização do princípio de livre governo de si, uma nova economia dos poderes femininos: é esse novo modelo histórico que chamamos a terceira mulher (LIPOVETSKY, 2000, p.231).

A mulher é chamada de pós-dona de casa, desvitalizando do ideal da dona de casa. Alain Touraine (2010) ataca os fundamentos da construção da identidade feminina, enfatizando que as mulheres hoje, se definem como mulheres, não mais como mães ou esposas, essa é a realização de si, ser a mulher de si, um sujeito autônomo e constituído sobre o próprio desenvolvimento de si enquanto pessoa.

3 Mudanças na condição feminina

Lipovetsky (2000) considera que houve uma ampla transformação no lugar da mulher nas sociedades ocidentais no século XX, de modo que ele inicia seu livro com a seguinte questão: Como não se interrogar sobre o novo lugar das mulheres e suas relações com os homens quando nosso meio século mudou mais

a condição feminina do que todos os milênios anteriores? As razões que levam um homem da geração do imediato pós-guerra a refletir e a escrever sobre as mulheres de seu tempo não são muito misteriosas. Para o autor foi um grande século das mulheres.

O filósofo francês Lipovetsky considera 1960, início da segunda onda feminista, com o surgimento da “terceira mulher”, que em sua perspectiva é aquela que é dona de seu destino, de seu corpo e de sua posição social. Para ele, o último meio século trouxe muitas mudanças em destaque para as mulheres, o que não ocorreu nos anos anteriores, libertada dessa escravidão que a sociedade lhe impôs, a forte presença nas atividades profissionais, bem como a liberdade sexual. Hoje a mulher ganha espaço para desenvolver seu potencial e se destaca na sociedade deixando de ser uma “invenção do homem”. “A mulher objeto finalmente passou a ter um futuro aberto, a ser determinado por suas práticas, escolhas, acertos e erros, e não mais pelas decisões dos homens ou pela tradição” (LIPOVETSKY,2000, p.15). As mulheres querem ser mães, administrar seus lares e exercer atividade profissional, abrindo caminhos para disputas das mesmas vagas de empregos que os homens e obter os mesmos diplomas. Todo o contexto de luta feminista foi de extrema importância das concepções de Lipovetsky.

Ao ingressar na atividade profissional, as mulheres adotam atitudes que significam busca de um sentimento para a vida pessoal, desejo de ser sujeito de sua própria existência. Recusando ser destinadas exclusivamente às tarefas naturais da reprodução, as mulheres reivindicam agora, os mesmos empregos, os mesmos salários que os homens, e querem ser julgadas a partir dos mesmos critérios objetivos, de competência e de mérito adotados para os homens, Por meio da nova cultura do trabalho, as mulheres exprimem a vontade de conquistar uma identidade profissional plena e, mais amplamente, o desejo de ser reconhecidas a partir do que fazem e não mais do que são “por natureza”, como mulheres : o ciclo da pós-mulher no lar fez o feminino entrar no universo concorrencial e meritocrático, tradicionalmente masculino (LIPOVETSKY,2000, p.223,224).

Há três décadas, as mulheres se apresentam cada vez mais maciçamente no mercado de trabalho, mais confiantes com sua formação e seu profissionalismo,

principalmente provando desafios em cargos executivos. Ao contrário do que ocorria no passado, a partir da segunda metade do século XX, a continuidade do emprego feminino se impõe com a norma dominante e os casais em que os dois cônjuges trabalham ultrapassam o número das famílias em que só o homem trabalha. “Um novo ciclo histórico se estabelece nas sociedades democráticas: o da mulher no trabalho” (LIPOVETSKY, 2000, p.204). Diante de todos esses fatos, as mulheres não transformam só o mundo do trabalho, mas também nos estudos, nas relações entre os sexos, a fecundidade, o controle das atividades desenvolvidas e uma nova posição identitária do feminino. Para o autor, isso mostra que as mulheres podem construir suas identidades e um meio de autoafirmação. Poder de governarem a si mesmas sem uma vida social predefinida. Almejam ser protagonistas de sua própria história.

É preciso lembrar que as mulheres casadas e solteiras sempre trabalharam: nas tarefas produtivas, nas sociedades pré-industriais; no campo; como esposas dos artesãos; como domésticas; babás; entre outras funções. A partir do século XIX, o processo de industrialização favoreceu o trabalho feminino assalariado. A extensão das atividades femininas fora do lar foi acompanhada de um florescimento de discursos que denunciam seus agravos. O trabalho das mulheres na fábrica é considerado abastardamento da família. Na burguesia, o assalariamento feminino causa horror como sinal de pobreza. Ao contrário, na classe operária não se considera desonroso à contribuição para os recursos da família. O trabalho da mulher casada sempre teve uma posição inferior à do homem, era considerado como complemento. E não deve pôr em questão o papel fundamental de esposa e mãe. Uma mulher só deveria trabalhar se o marido não pudesse suprir as necessidades da casa.

No momento em que a industrialização nascente cria a operária de fábrica, o salário feminino provoca uma tempestade de protestos em nome da moralidade, da estabilidade dos casais, da saúde das mulheres, da boa educação dos filhos. “Não vivendo para si própria, a esposa-mãe-dona-de-casa, não é pertencente a si mesma” (LIPOVETSKY, 2000, p. 209). A ideologia da mulher no lar foi edificada

na recusa de generalizar os princípios da sociedade individualista moderna, ela é identificada como domínio da ordem natural da família e privada dos direitos políticos, à independência intelectual e econômica. Para Lipovetsky (2000), reconhecer a mulher como indivíduo autônomo seria a ruína da ordem familiar e gerar confusão entre os sexos.

Nos anos 50, conforme Lipovetsky (2000), tornou dominante a promoção da mulher consumidora, representando um novo modo de vida feminino, contribuindo para a superação histórica do ideal da mulher no lar. Com a magia das novidades, instala-se um novo ciclo que estrutura a ligação entre a mulher do lar e consumo. A sedução física aparece como os novos imperativos da esposa-mãe moderna.

A modernidade da mulher no lar, ainda está encaixada na ordem da comunidade doméstica, reafirmando o lugar tradicional da mulher, prevalecendo o princípio da hierarquia entre os sexos.

A mulher no lar, tal como é pensada nos séculos XIX e XX, está de fato profundamente associada aos princípios de gestão, de trabalho e de eficácia típicos da idade moderna. Testemunham isso as tarefas que lhe cabem: trata-se de administrar racionalmente o *home*, de mostrar-se econômica e boa gerente, de fazer reinar a ordem e a limpeza no lar, de ser guardiã da saúde da família, de fazer tudo que os filhos ascendam na pirâmide social (LIPOVETSKY, 2000, p. 213).

A mulher desempenhando seu papel como gestora do lar, administrando, produzindo com habilidade e eficácia as responsabilidades, que a sociedade tradicional lhe impõe. A educação dos filhos para a formação educativa e social.

Ao escrever sobre a mulher no trabalho, Lipovetsky aponta que os anos 60 inauguram o novo ciclo. As democracias pós-modernas escrevem um novo capítulo da história das mulheres, a da pós-mulher do lar. A idade de ouro da mulher de interior, como diz Lipovetsky, ficou para trás. O ideal da fada do lar já não tem a unanimidade, as acusações contra a mulher sem profissão não vão mais cessar e serão radicalizadas pelas novas correntes feministas. A opinião pública prospera na aprovação do trabalho profissional da mulher. A legitimidade da

atividade assalariada feminina se acentuou e como exemplo no livro, 77% dos franceses estão de acordo que a ideia que o marido e mulher contribuem juntos para os recursos do casal. Por toda parte, o reconhecimento social do papel profissional da mulher avançou, entretanto, segundo Lipovetsky (2000), estamos longe de uma aprovação igual da atividade remunerada dos dois gêneros. Os filhos pequenos continuam a criar condições restritas ao trabalho feminino.

Um fato importante é atribuído aos estudos das meninas, uma atitude positiva em relação ao trabalho feminino. As meninas se lançam aos estudos para trabalhar e certificar sua emancipação econômica. Ao contrário do que ocorria nos anos 60, os pais atuais declaram condizer com os estudos das meninas quantos dos meninos, e a maioria tenciona que suas filhas ingressem em uma carreira profissional ambiciosa. Para Lipovetsky (2000), os estudos femininos adquiriram uma legitimidade social na mesma proporção do desapareço pelo modelo da mulher do lar.

Contudo, o interesse pelo trabalho, decisão e a responsabilidade profissional, são expectativas prioritárias das mulheres atuantes. O trabalho feminino já não aparece como um último recurso, mas como uma exigência individual, uma condição para realizar-se na existência, um meio de autoafirmação. Na sociedade, o trabalho profissional das mulheres tornou-se independente em relação à vida familiar, passou a ser um valor, um instrumento de realização pessoal, uma atividade reivindicada e não mais sofrida (LIPOVETSKY, 2000).

As mulheres buscam vencer pelo seu trabalho, ganhar uma posição social, pelo seu talento e mérito e provar seu valor profissional, ganhar reconhecimento social pelas suas realizações, de construir seu lugar e sua profissão da mesma maneira que os homens. O que domina agora é o investimento feminino na vida profissional. Os jovens querem obter diplomas tendo em vista uma carreira. As mulheres veem na atividade assalariadas uma condição necessária ao sucesso de sua vida.

O século XX foi um avanço de matrículas e diplomas femininos, tanto no secundário quanto no superior, quanto mais às mulheres são graduadas, mais são favoráveis à atividade feminina e mais trabalham. A disposição das profissões de escritório e de comércio, da saúde e da educação multiplicou as ofertas de empregos femininos: quanto mais se desenvolveu o setor terciário, mais as mulheres foram numerosas nesses empregos. Não houve apenas evolução da mão-de-obra feminina rumo a novas profissões, houve mudança na ordem qualitativa em relação ao valor do trabalho feminino (LIPOVETSKY, 2000).

As mulheres só começam a sentir o que é independência após o reconhecimento social do trabalho feminino e do liberalismo sexual. Segundo ainda Lipovetsky, “o liberalismo cultural sustentado pela dinâmica do consumo e da comunicação de massa autonomiza o sexo em relação à moral, generaliza o princípio de livre posse de si e desvaloriza o esquema da subordinação do feminino ao masculino” (LIPOVETSKY, 2000, p. 230).

Revolução das necessidades, revolução sexual: a época do consumo de massa não se caracteriza apenas pela proliferação dos produtos, mas também pela profusão dos signos e referenciais do sexo. Os anos 50 são testemunhas de uma escala erótica da publicidade.

Ao longo do século XX, a imprensa feminina, o cinema, a publicidade, propagaram de forma maior as imagens ideais do feminismo, como estrelas, manequins, invadindo a vida cotidiana. O desenvolvimento social, abrindo um novo ciclo de industrialização e mercantilização da beleza. Novas carreiras abertas à beleza (LIPOVETSKY, 2000).

4 A relação entre beleza e poder

Lipovetsky escreve em seu livro, sobre “O Belo Sexo”. Descreve a invenção do belo sexo; o boom da beleza; ativismo estético e imprensa feminina; o eclipse da mulher fatal e o futuro do belo sexo. Para os gregos, a mulher era um terrível flagelo instalado no meio dos homens mortais, um ser de astúcia e de mentira, um perigo temível que se oculta sob os traços da sedução. Na Europa da Renascença, o segundo sexo, encarnação

privilegiada da beleza, uma perfeição que inspira hinos tão prolixos quanto ardentes (LIPOVETSKY, 2000).

Segundo a visão de Lipovetsky (2000), a sacração do belo sexo traz uma mudança importante, um poder estritamente feminino encontra-se glorificado, elevado, cercado de homenagens exageradas. “Cada bela mulher é uma rainha”, diz justamente Balzac: depois de milênios de depreciação, um poder feminino é admirado, colocado em pedestal, igual a realeza. Concedendo-a títulos de nobreza. Entretanto, tudo isso ficou mais como literal do que social. Limitado ao público rico e artístico.

Ao contrário das mulheres anteriores, a mulher pós-moderna é senhora do seu desejo. Ela assume ser dona do seu corpo e usa-o como bem entende, preocupa-se em lapidar sua aparência com exercícios físicos ou com cirurgias plásticas. Ocupa os espaços públicos e administra o seu tempo, usufruindo e reconhecendo as conquistas das feministas dos anos 1970 – como a pílula anticoncepcional, mas olhando para o futuro e não se vitimizando pelo passado, pois seu olhar está para além das tradições e convenções sociais (LIPOVETSKY, 2000).

Em busca de uma nova feminilidade a nova mulher estimula a emergência de novas formas de ser feminina, novas concepções de sexualização, beleza e sedução, que poderiam aproximar-se, daquilo que Foucault (2008) definiu como “artes da existência”, técnicas de se constituir a própria subjetividade, desenvolvidas a partir das práticas de liberdade; assim a mãe pós-moderna integrou-se a figura da mulher independente, pois além de emancipada e, muitas vezes, chefe de família, ela quer prazer sexual.

A beleza é apresentada com regularidade, de acordo com Lipovetsky (2000), como o poder específico do feminino. Um poder decretado gigantesco, uma vez que permite imperar sobre os homens. Para o feminismo contemporâneo, desagregar a beleza equivale a analisá-la como um instrumento de dominação dos homens sobre as mulheres, um método político, cuja finalidade é separar os homens das mulheres, raças das raças, as mulheres das mulheres.

No fim dos anos 80, ser bela para as mulheres, de agora em diante, é uma das ambições femininas e ser bem-sucedida profissionalmente. A mulher é posta nas nuvens enquanto bela, não enquanto chefe. De acordo com o autor, as mulheres dão as mensagens ligadas à beleza feminina deixaram de ser signos raros, a preferência às profissões e que a aparência desempenha um papel importante, e muito mais eventualmente às que

implicam a autoridade. As representações invadiram a vida cotidiana das mulheres de todas as condições.

A mulher distante dos padrões é culpada por ser relaxada, fraca, irresponsável, sem vaidade, características que constituem uma identidade desvalorizada e patologizada pelo regime cultural vigente (SIQUEIRA; FARIA, 2007). O consumo é apontado, nessas matérias, como uma forma de empoderamento feminino, tornando-se essencial para a conquista do sucesso no mundo do trabalho.

Conforme Lipovetsky (2000), nunca a beleza feminina esteve tão ligada ao sucesso social, à riqueza, à realização individual, à verdadeira vida. A beleza feminina se concretiza em um mercado midiático e não mais sexual. O que se vende é a beleza da mulher e não mais o corpo. Desse momento a necessidade de um novo poder da beleza feminina, ser admirada pelas massas. A beleza permite que as mulheres prosperem a um plano de exaltação social igual ao dos homens.

No século XXI, quando trabalhar fora é uma realidade mais difundida entre o sexo feminino nos grandes centros urbanos, a mídia naturaliza os cuidados de beleza, tratando-os como indispensáveis e parte do cotidiano de qualquer mulher. Ela os inscreve na temporalidade cotidiana, estabelecendo os momentos diários, os tempos de duração, e oferecendo os cosméticos por meio da publicidade.

Para Gianini (2012, p. 86), “As mulheres que investem em sua apresentação pessoal conseguem que os colegas e os chefes guardem uma boa imagem delas, o que as ajuda a crescer mais rápido dentro da empresa”, declara à Veja. Em sua obra, ela afirma que funcionárias atraentes ganhariam em média 12% mais do que as colegas “descuidadas” em cargos equivalentes.

Lipovetsky, afirma que no mundo empresarial as mulheres devem neutralizar sua aparência, proibir-se os sinais que dão destaque a feminidade e a fantasia.

É apenas mascarando suas formas que as mulheres em uma situação de dilema: se uma mulher se dedica a valorizar seus encantos, descredita sua imagem de protagonista profissional competente; se, ao contrário, esforça-se para apagá-los, seus desempenhos profissionais são menos notados e sua imagem de feminidade sofre com isso. Seria ingênuo crer, no entanto, que a questão da beleza deixou de influir na vida e no percurso profissional das mulheres (LIPOVETSKY, 2000, p. 184).

Lipovetsky (2000), afirma que em certas profissões a valorização da beleza feminina funciona como instrumento de discriminação sexual, como por exemplo, na seleção para uma vaga de emprego. Uma outra situação que o autor expõe é a beleza feminina evidencia o valor e a posição dos homens. Um homem em companhia de uma bela mulher é visto como inteligente, mais importante e competente.

Assim mulheres querem poder proceder-se como os homens. Nem por isso querem parecer-se com eles. As mulheres se comprometem cada vez mais com a atividade profissional sem que as suas preocupações estéticas declinem de modo algum. As mulheres que trabalham se maquiam mais frequentemente que as mulheres inativas. Para finalizar, Lipovetsky (2000) conclui que os homens e mulheres não têm as mesmas armas para ganhar no jogo da sedução. Os homens com seus meios: riquezas, poder, força, prestígio. E as mulheres a arma principal sempre foi a aparência.

As mulheres querem ser bem-sucedidas e belas. Nas revistas as mulheres executivas aparecem sempre maquiadas e bem vestidas. A beleza é muito importante para elas, sobretudo no mundo do trabalho. Portanto, elas entendem a necessidade de estar sempre apresentável para assumir cargos profissionais, e sempre provar sua capacidade no desenvolvimento do seu trabalho.

5 Considerações finais

O artigo apresentou sobre a mulher no século XX na visão de Lipovetsky. O autor é filósofo, nascido em 1944 na França. Sua visão está voltada dentro dos estudos históricos da Europa, em especial da França. O objetivo foi entender a visão de Lipovetsky sobre a mulher contemporânea, através do seu livro, “A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino”. As três fases da mulher no mundo ocidental, sendo a primeira mulher sendo depreciada pela sociedade; a segunda mulher enaltecida, sensível e pura; a terceira mulher indeterminada, uma mulher com poder de decisão, deixando de ser dependente do homem. Foram destacados os pontos de lutas e preconceitos que a mulher sofreu por buscar um espaço no mercado de trabalho e completar a renda no lar, com a educação dos filhos e ser aceita na sociedade como sujeito. Também destacou a relação da beleza e poder. O vínculo da mulher com a estética, beleza e a luta com as demonstrações do poder, o que coloca a mulher como centro das atenções, com relação a sua beleza e profissionalismo. No século atual ainda é

necessário à mulher provar sua capacidade profissional, independente da classe social e raça. Além de sempre estar presente a desigualdade entre os sexos, mesmo estando no momento mais maleáveis e fluídas. Novos paradigmas estão em construção, assim como a sociedade está se redefinindo, com muitas mudanças e desafios com relação ao gênero. A mulher contemporânea não é olhada mais só como uma figura que gera filhos, mas com uma posição social, poder, notoriedade e culto do belo sexo, com o desenvolvimento da cultura industrial e mercantilismo da beleza feminina. Entretanto, os conceitos de Lipovetsky são escritos de uma forma mais ampla e universal, com foco na Europa, especificamente Inglaterra e França e também em alguns pontos do seu livro aborda sobre a mulher americana. Não abordando o assunto sobre a interseccionalidade: gênero, classe e raça com relação às lutas do feminismo. Esse é um assunto ainda muito discutido nos dias atuais e que requer um capítulo para desenvolvimento deste tema.

Este tema do artigo com a abordagem sobre as histórias das mulheres, feminismo e as lutas que foram enfrentadas por elas e ainda são, contribui muito e é de suma relevância para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado e outros futuros trabalhos abordando esta temática envolvendo a Comunicação, a mídia e as práticas socioculturais.

Referências

ANDRADE, Silvana Rodrigues de. “Eu sou uma pessoa de tremendo sucesso”: representações, identidades e trajetórias de mulheres executivas no Brasil. 01/08/2012 238 f. (Doutorado em HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS) - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/RJ, RIO DE JANEIRO, 2012.

CORSO, Diana. Fronteiras do Pensamento, 2017. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/artigos/gilles-lipovetsky-1nos-ultimos-50-anos-a-condicao-feminina-mudou-mais-do-que-a-soma-dos-ultimos-milenios>. Acesso em: 16/10/2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª Ed. (trad.Luis Felipe Baeta Neves) Rio de Janeiro: Forense, 2008.

GIANINI, Tatiana. As lições das presidentes. **Veja**. São Paulo: Abril, ed. 2267, 02 mai. 2012, p. 82-91.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia de Letras, 2000.

PALMA, Ana G. G; SÁ, Maria A. A dos S. A construção do feminino e as mudanças na sociedade moderna. **Revista Ciências Humanas** – Universidade de Taubaté (UNITAU) – Brasil – VOL. 4, N. 1, 2011.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira de; FARIA, Aline Almeida de. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 1, n. 9, p. 171-188, 2007.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. 2 Ed. Revista. Petrópolis: Vozes, 2010.